

VICTOR HUGO, O MAGO DO ROMANTISMO

Celina Fontenele Garcia

O presente trabalho visa comemorar o centenário de morte do poeta francês Victor Hugo. É composto, basicamente, dos seguintes elementos: primeiro, a biografia do poeta; sua vida, os fatos que influenciaram sua carreira e alimentaram sua poesia; segundo, sua evolução na literatura, que foi a mais completa que se possa esperar — romance, poesia, teatro; terceiro, o poeta e sua poesia: Suas obras, seus sentimentos pessoais, seu pensamento político, religioso, metafísico.

Não pretendemos ver apenas fatos e datas da vida de Victor Hugo, mas também homenagear o grande poeta e revolucionário que se impôs o dever de ser o "eco sonoro" e o profeta de seu tempo, investido de missão sagrada. É pela crença que possuía nessa missão, pela virtuosidade vibrante de seus versos e pela força renovadora de seu teatro que se destaca como chefe dos românticos e os leva à batalha e à vitória. Mas somente atingirá o mais alto grau da criação literária, após duas crises violentas, devido ao luto e ao exílio. Na solidão de Jersey, seu gênio amadurecido pelo sofrimento e pela experiência política, exaltado pelo entusiasmo visionário, o consagra como a maior figura literária do século dezenove.

O HOMEM

Victor Hugo nasce em Besançon em 1802. Seu pai, oficial do Império, levou sua família aos lugares onde chama o serviço do Imperador: primeiro em Nápoles, (1808) depois na Espanha (1811-1812). Mora em Paris no intervalo de suas viagens,

em Feuillantines.* De 1914 a 1918 fica como interno no pensio-
nato Cordier e prepara-se para a Escola Politécnica no Liceu
Louis-le-Grand, onde obtém seus primeiros sucessos literários
e compõe os primeiros versos. Aos 15 anos sua vocação de
escritor aparece: a Academia Francesa o distingue; aos 17
anos os "Jogos Florais de Toulouse" o coroam; escreve seu
primeiro romance *Bourg-Jargal*, cujo assunto é uma revolta de ne-
gros em São Domingos; e funda com seus irmãos Abel e Eugêne
O Conservador Literário. Sua ambição é imensa. Ele proclama:
"Je veux être Chateaubriand ou rien". Esses sucessos o aju-
dam a convencer seu pai, que o queria na Escola Politécnica, a
consagrar-se à sua verdadeira vocação intelectual.

Começa a vida literária propriamente dita com a publicação
de *Odes* em 1822 e recebe uma pensão real, o que permite seu
casamento com Adele Foucher, amiga de infância.

De 1822 a 1828 publica: *Odes*, *Nouvelles Odes* e *Odes et
Ballades*, que vão receber sua forma definitiva em 1928. Nesse
período sofre a influência de Chateaubriand, de Lamartine e
dos poetas do século XVIII. Apesar de expressar suas convic-
ções legitimistas e católicas ele não inova, ficando no lugar
comum e expressando-se numa língua convencional. Nessa
época freqüenta o salão de Nodier (1823), onde encontra La-
martine e Vigny.

Engaja-se prudentemente no romantismo, declarando, em
1824, que não era clássico nem romântico, mas conciliador.
Nas *Ballades* desenha com muita fantasia a Idade Média, que
lembra Walter Scott e Charles Nodier, mas existem algumas
baladas que atestam rara virtuosidade formal. Em 1827 "O Pre-
fácio de Cromwell" o consagra como chefe da nova escola.
Sua prodigiosa fecundidade se exercerá em todos os gêneros.
De 1827 a 1843 publicará romances, entre os quais o mais im-
portante é *Notre Dame de Paris*; ensaios e narrativas de via-
gens (*Le Rhin*); cinco livros de poesias; oito peças de teatro,
entre as quais *Hernani*, *Ruy Blas* e *Les Burgraves*. O fracasso
dessa peça o adverte que o belo tempo romântico havia termi-
nado, ao mesmo tempo em que ele perde sua filha Leopoldina
efogada em Villequier, durante sua viagem de núpcias. Cessa,
então, toda a criação literária e a política será, a partir daí, o
ponto central de sua vida. Foi legitimista na Restauração; mo-
narquista sob Louis-Philippe; e se torna democrata após 1848,

(*) Um velho convento abandonado, perto de Val-de-Grâce.

eleito deputado à Constituinte. Essas mudanças de opinião, em princípio desinteressadas, são perfeitamente lícitas, constituindo um esforço do poeta em pôr unidade à sua vida, às suas convicções e à sua obra. Combate energicamente a política do príncipe-presidente, que se transformará em Imperador. Após o golpe de Estado, contudo, foi exilado. Parte para Bruxelas, depois Jersey e Guernesey, onde procura abrigo. A partir de então, o talento do escritor e poeta recomeça com força redobrada e ele publica *Les Châtiments* (1853), *La Légende des Siècles* (1859) e *Les Misérables* (1861). O Golpe de Estado de 1870 abre-lhe novamente as portas da França. E ele volta a Paris, é eleito deputado, protesta contra a cessão da Alsácia-Lorena e prega a reconciliação depois da Comuna. Vive ainda durante 15 anos escrevendo poesias e romances e cercado pela admiração do povo. Essa admiração era dirigida ao criador infatigável e ao lutador republicano incansável.

VICTOR HUGO — POETA

A obra poética de Victor Hugo divide-se naturalmente em duas partes: antes e depois de 1850. Até 1850 ele já havia produzido o bastante para ser um Mestre, mas descobre seu caminho definitivo após essa data, quando o naturalismo ensaiava sua sucessão ao romantismo. O seu gênio mantém o romantismo durante um quarto de século, numa sociedade que não era mais romântica. E nessa época, precisamente, ele produzirá suas melhores obras.

A partir de 1830, as primeiras batalhas da luta literária, os problemas domésticos e o aparecimento de um novo amor levam o poeta a se recolher e a se expressar com mais sinceridade nos seus versos. Passa então para a segunda fase da virtuosidade formal e atinge o verdadeiro lirismo. O livro intitulado *Les Feuilles d'automne* (1831) é dominado pela melancolia: "Qu'est que ces pages que (le poète) livre ainsi ou hasard, ou premier vent qui en voudra? Des feuilles tombées, des feuilles mortes; comme toutes feuilles d'automne. Ce n'est point la de la poésie de tumulte et de bruit; ce sont des vers sereins et paisibles, des vers comme tout le monde en fait ou en rêve; des vers de l'intérieur de l'âme." Ora se recorda de sua mãe, que protegeu sua vida frágil (Ce siècle avait deux ans), ou de seu pai, veterano da epopéia imperial, ora medita sobre as fases da vida (où est donc le bonheur) ou pensa nos deserdados (*Pour les pauvres*) (Ce qu'on entend sur la montagne). Esta melancolia se estampa ao contacto da natureza

que comove sua sensibilidade de artista (Pan) e desaparece quando ele contempla enternecido os jogos infantis (Lors que l'enfant parait...; Il est si beau, avec son doux sourire).

Les chants du Crépuscule (1835) são marcados pela angústia, pela inquietude que penetra a vida íntima do poeta. Sua paixão por Juliette Drouet lhe inspira peças de um fervor sombrio; sua fé religiosa se apaga e ele sente mais necessidade de negar que de crer. E tenta, então, desvendar o futuro: a hora do crepúsculo será seguida das trevas do desespero ou da luz da esperança? — (Prélude). Ele opõe a um regime sem glória a grandeza do Império (Ode à la Colonne); e quando morre o Rei de Roma evoca com respeito a sombra do Imperador (Napoleon II).

Les Voix Intérieures (1837) se constituem de três vozes que falam à alma do poeta: a voz do homem, a da natureza e a dos acontecimentos. Ele dedica esse livro a seu pai esquecido, cujo nome não figura no Arco do Triunfo; pensa em seus filhos, revive, em homenagem à Eugène, os dias radiosos de Feuillantines (À Eugène, Vicente H). A natureza se descobre sempre mais bela e generosa: Hugo pede a Virgílio a chave do Mistério Universal (à Virgile), evoca os grandes parques de outrora, testemunhas de amores reais (Passé). Os acontecimentos, enfim, impõem sua lei: e ele expressa as preocupações de seu século, medita sobre os fatos do dia, a conclusão do Arco do Triunfo ou a morte no exílio do Rei Charles X. (Sunt Lacrimae Rerum).

Les Rayons et les Ombres (1840) marcam uma renovação na inspiração do poeta que, então, se abre mais generosamente aos problemas humanos. Retoma os temas tradicionais de seu lirismo: a infância é para ele não apenas graça e inocência, mas mistério e profundidade de vida. O amor é o motor sagrado de toda atividade humana (Mille chemins, un seul but). A natureza, ora graciosa e imponente, ora feroz e alucinante, corresponde aos estados d'alma: às vezes, ele projeta sobre ela seus pensamentos (Oceano Nox), outras, ao contrário, o espetáculo da natureza se impõe, escravizando sua sensibilidade (Tristesse d'Olympio). O poeta não se contenta em ser um eco sonoro, ele se crê o profeta do futuro, a estrela que guia a humanidade (Fonction du Poète). Crê que tem, em primeiro lugar, uma missão social; sensibiliza-se diante do sofrimento humano (Régard jeté dans une manearde) (Fiat voluntas); revolta-se pela desgraça que acabrunha a infância vagabunda (Rencontre). Ao mesmo tempo se orienta para a meditação filosófica: propõe problemas sobre a morte (Dans le cimetière

de); ou sobre o destino (Puits de l'Inde). Durante esses anos de dúvida, deixa falar as três vozes que participam da vida de sua alma: a primeira se lamenta da fé que enfraquece, a segunda o convida ao amor da criação e das criaturas, e a terceira se afasta do individual e transitório. E ele sente acordar, escutando-as, "une bienveillance universelle et douce". (Sagesse).

O ano de 1850 marca a segunda etapa de sua vida, tanto no campo político como literário. No exílio, em Guernesey, trabalha incansavelmente, seguindo passo a passo os acontecimentos de seu país, defende os oprimidos e exprime à juventude francesa sua fé no triunfo final da liberdade e da justiça. Torna-se republicano e em 1859 recusa desdenhosamente a anistia oferecida por Napoleão III. Engrandecido pelo exílio, o proscrito de Guernesey goza de renome mundial. É na vida do poeta o período de maior prestígio e também a época em que seu gênio atinge a mais alta culminância.

Em Bruxelas Hugo se impõe à tarefa de lutar contra a "usurpador". Escreve em um ano um livro de versos satíricos intitulado *Châtiments*, traduzindo a sua revolta de exilado. Versos de fogo e de grande beleza, de um tom patético com que se glorificam "les soldats de l'an deux" (Oh! vous qui étiez grands au milieu des mêlées, Soldats) seguidos das frases trágicas de "l'Expiation": retirada da Rússia, choque desesperado de Waterloo, exílio em Santa Helena, enfim, no túmulo a humilhação suprema para o Imperador de ter um sucessor indigno.

Ao lado dos gritos de cólera, afirma-se a resistência indomável do poeta (Et s'il n'en reste qu'un, je serai celui-là!) com a fé no triunfo futuro da idéia republicana. Esse livro, publicado em Bruxelas, em 1853, obtém sucesso considerável e circula na França clandestinamente. Hugo escreve então seus versos sob a "Muse Indignation". A Louis — Napoleón critica antes de tudo a mediocridade; o novo Imperador macaqueia o antigo; o novo Regime é uma caricatura do Primeiro Império, aliás, uma caricatura sinistra; o sangue se mistura à lama porque a usurpação nasceu de um crime. O poeta condena aqueles que prepararam, executaram e aceitaram o golpe de estado; condena os altos funcionários que tiram proveito da tirania e aos burgueses, que, em nome de uma "ordem" mantida pela força, consolidam suas fortunas ou seus privilégios. A eles, Hugo opõe longa lista de vítimas, de deportados, de prisioneiros, de trabalhadores miseráveis reduzidos ao silêncio. Ele acredita que a paz e o triunfo estão próximos. E se eleva acima daqueles

que ele julga, e de sua indignação tira uma lição de idealismo político.

Em 1856, publica *Les Contemplations*, considerado pelo poeta como "son oeuvre de poesie le plus complète". Livro de matéria diversa, aborda com amplitude os mais variados temas. Divide sua obra em duas partes: "Autrefois" e "Aujourd'hui". Essa divisão é marcada pela ruptura operada na vida do poeta pelo ano de 1843 — morte de Leopoldina. Poemas feitos antes e depois da morte da filha, anos de luto e exílio. Os mais belos versos são consagrados a Leopoldina, recordando sua graça infantil, ou expressando sua dor paternal e resignação final, que aceita a vontade divina, mas não admite consolação.

Seigneur, je resonais que l'homme est en délire
S'il ose murmurer;
Je cesse d'accuser, je cesse de maudire
Mais laissez — moi pleurer!

Cada parte desse livro se subdivide em três: "Aurore" — Livro da Juventude, evocação de sua vida no colégio, primeiros amores, primeiras lutas literárias. Canta a beleza da primavera, a alegria do poeta diante de uma bela paisagem ou de um belo espetáculo ao ar livre.

A segunda: "l'âme en fleur" é o livro em que ele canta o amor de Juliete Drouet, seus êxtases, seus desentendimentos, os sofrimentos vividos em comum, as reconciliações.

A terceira: "Les lutttes et les rêves", é o livro da piedade. São os exemplos dos sofrimentos nas sociedades modernas: denuncia o sofrimento do homem comum, a guerra, a pena de morte, as epidemias. Discute temas filosóficos: explica o mal como uma provação, descreve o castigo dos malditos e glorifica aqueles que decifram o enigma universal.

A quarta: "Pauca Meae" — é o livro do luto, no qual o poeta chora a perda da filha, medita sobre o golpe que o marcou, revolta-se contra a crueldade do destino e acima dessa tristeza associa o pensamento da morte a uma esperança na outra vida.

A quinta: "En Marche", é o livro da energia reencontrada. É o exílio que vai fazer surgir novas forças para a alma do poeta. Poemas políticos se misturam a poemas mais gerais sobre a natureza e a condição humana.

Enfim o sexto: "Au bord de l'infini", é o livro das certezas, povoado de anjos, de espíritos que lhe fazem revelações inesperadas. Mensagens desconstruídas de angústia ou de espe-

rança, com esta a vencer no final. E termina por uma profecia que anuncia, no fim da viagem, o perdão universal.

Partindo de temas, podemos dividir esse livro em: *Poesia da infância*: em que o poeta celebra a graça infantil. Pensa em sua infância e narra como descobriu a Bíblia no celeiro de "Feuillantines", canta a alegria que experimenta em conversar com as crianças e em acordar nelas sua curiosidade em relação ao mundo; evoca sua filha desaparecida; admira-se em senti-la tão próxima e tão longínqua; e em seus versos, o encanto do adolescente se mistura com a melancolia da recordação.

Poesia do Amor: Hugo canta o prazer, o sofrimento e o êxtase do amor. Descreve muitas vezes a alegria dos sentidos, e nas peças mais graves se persuade de que o amor é a grande lição da natureza. "Tout conjugera le verbe aimer". Escutar esta lição é responder aos designios de Deus. Todo o livro é repleto de um misticismo sentimental, que se confunde, algumas vezes, com o misticismo religioso.

Poesia da dor: Depois do acidente de Villequier a poesia de Hugo é plena de dor, de sofrimento. É outro homem que fala, mais maduro, digno da maior piedade como do maior respeito. Entretanto, não se fecha ao seu sofrimento, mas denuncia os vícios da sociedade moderna e estende sua benevolência a toda a criação.

Poesia do além — túmulo: A meditação da dor e o espetáculo das misérias universais encaminham o poeta da confissão lírica para a poesia filosófica, para a reflexão metafísica. O universo lhe aparece sempre como um enigma a decifrar; no exílio fixa seu sistema e funda uma espécie de religião em que busca a paz e a confiança.

O gênio épico de Victor Hugo se desenvolveu nas obras do exílio e principalmente em *La Légende des Siècles*. Constituída por três publicações sucessivas: 1859, 1877 e o volume complementar, 1883. Tinha uma dupla intenção: fazer uma obra filosófica e histórica.

Como obra filosófica Hugo queria demonstrar "l'épanouissement du genre humain de siècle en siècle... l'homme montant des ténèbres vers l'idéal", que teria como introdução "Deus" e "O fim de Satã" como conclusão, mas estas ficaram incompletas. Hugo pretendia tornar mais completa a vitória do Bem no futuro, pintando o passado em cores sombrias. Ele acolheu todos os monstros da história, reis ou representantes da Igreja. Sob eles a humanidade sangra ("Le jour des Rois", "Les Quatres jours d'Elciis") mas há também o momento reser-

vado ao heroísmo. Partindo de Eva a Jesus a humanidade passa entre gigantes e deuses, reis e heróis. É o Cid que num dado momento se confunde com Roland: um exilado por causa de seu heroísmo e o outro morto para provar que é corajoso. O primeiro faz parte dos poemas do Islã e o segundo do ciclo heróico cristão, cavaleiro de Carlos Magno "l'empereur à la barbe fleurie" que defende seu rei e sua pátria. Le Cid e Roland são heróis que se elevam acima dos reis e dominam sua época.

"Le bon roi Charle est plein de douleur et d'ennui;
Sou cheval syrien est triste comme lui.
Il pleure; l'empereur pleure de la souffrance
D'avoir perdu ses preux, ses douze pairs de France."

A seguir temos: As sete maravilhas do mundo contrastando com a epopéia do verme, na qual o poeta vê o mal e a morte que impera no mundo.

"L'univers magnifique et lugubre a deux cimes.
O vivants, à ses deux extrémités sublimes,
Qui sont l'aurore et nuit,
La création triste, aux entrailles profondes
Porte deux Tout puissants: le Dieu qui fait les mondes,
Le ver qui les détruits."

Os tempos modernos vêm aparecer uma humanidade livre de tiranos que acorda para a vida moral ao mesmo tempo que para a liberdade ("Jean Chouan", "Les Pauvres Gens"). E o que não se poderá esperar do futuro graças à união do progresso científico e moral? ("Plein ciel"). Esta fé no progresso se fundamenta nas convicções essenciais: ele crê na consciência humana ("La Conscience"); crê numa vida eterna que recompensará os justos; crê em um Deus justo e bom, que pode tolerar o mal, mas que o suprimirá um dia. O homem tem o dever de ajudá-lo na medida de suas forças, devendo então se abster de todo gênero de violência, para pôr em suas relações sociais mais amor e piedade. A paixão com que Hugo defende essas idéias faz de *La légende* uma obra essencialmente lírica.

Como obra histórica se propõe a pintar "o perfil humano desde Eva, mãe dos homens, até a Revolução, mãe dos povos".

Essa história começa nos primeiros dias do mundo, os tempos bíblicos, a época fabulosa dos gigantes, a Grécia de

Salamina, as invasões bárbaras, a Idade Média, os tronos do Oriente, a Itália destruída pelos Imperadores Alemães, o Renascimento, a Espanha da Armada e da Inquisição, a grandeza do povo no tempo presente. Existem nesse grande poema lacunas como Roma, o século XVII e XVIII, o Extremo Oriente e a América, que passam em silêncio.

Hugo pretendia com *La Légende des Siècles* criar uma epopéia humana numa espécie de obra cíclica em que estão presentes, simultaneamente, história, fábula, filosofia, religião e ciência, tendo como figura central o Homem. A epopéia tem portanto seu herói, o Homem, e seu assunto é a ascensão da humanidade. A grandeza simbólica e a fé no progresso, que lhe conferem uma mística, renovam o maravilhoso. Vemos também a utilização das mitologias sucessivas que testemunham as aspirações e as crenças dos homens: o sentido do mistério, o milagre, o mito. Ele cria também mitos, o maravilhoso não sendo para ele um ornamento mas uma visão do mundo. Há o senso moral traduzindo a justiça irremediavelmente, destacando-se também um sentido metafísico. O sobrenatural se manifesta na visão de Hugo sob duas formas: os prodígios e o maravilhoso difuso. No primeiro caso os animais e as coisas se manifestam e intervêm miraculosamente no drama humano, como o cavalo de Roland que responde ao rei. No segundo caso é uma simples notação fugitiva que nos revela no poema o senso do mistério. É, por exemplo, o murmúrio do vento que parece falar, ou uma porta que se abre e muitas vezes o poema inteiro revela atmosfera sobrenatural.

Os poemas da primeira parte — de “Eva a Jesus” são inspirados na Bíblia: o nascimento da raça humana. (“Le Sacre de la Femme”), a história de Caim (“La Conscience”) simboliza o acordar do senso moral. Daniel e Booz lembram os heróis investidos por Jeová de missão divina. “Première Rencontre du Christ avec le tombeau” celebra a mensagem evangélica. A um único poema sobre Roma se sucedem vários sobre o Islã ou aparece a figura de Maomé (“Le Cédre, l’An neuf de Hegire”). Depois vem o “ciclo heróico cristão” e o dos “cavaleiros errantes”. Aos mitos escandinavos (“Le Parricide”) se associam as lendas espanholas (Bivar), germânicas (Eviradnus), franceses (“Le mariage de Roland, Aymerillot, le Petit Roi de Galice”).

Em seguida o poeta medita sobre os tronos do Oriente, na Itália no fim da Idade Média. Entra em seguida no século dezoito, graças ao Renascimento, revive o audacioso espírito do paganismo, e “Le Satyre” simboliza o gênio humano da

conquista do Universo; mas esse século é também o século da Inquisição e da tirania espanhola ("La Rose de l'Infante").

Um único poema é consagrado ao século dezessete ("Au regiment du Baron Madruce") e em seguida nos transportamos "ao tempo presente": Em "Après la Bataille" "le Crapeaud", "Les Pauvres Gens", "Paroles dans l'Espace". O poeta dirige aos homens uma mensagem de bondade e de confiança. Enfim, a última parte "Vingtième siècle" contém o duplo poema mítico "Plein Mer-Plein Ciel"; e o livro se fecha com "Hors des temps", com "la Trompette du Jugement".

Examinando os elementos que compõem a poesia de Victor Hugo citamos a sensibilidade, a inteligência e a imaginação. No que se refere à sensibilidade podemos destacar dois sentimentos no poeta: o amor pela família e pelos pobres. Sua afeição de pai ou de avô, a simplicidade com que fala das crianças, sobretudo de sua filha e genro. Seu desespero, suas lembranças dolorosas, seus gritos angustiados lançados para Deus, em quem sempre acreditou, apesar de todo o sofrimento.

O amor coletivo da humanidade, dos humildes, dos miseráveis é muito real em Victor Hugo. Ele tem a sensibilidade limitada por esses dois sentimentos, mas possui um poder ilimitado de sensação, uma acuidade rara de sentidos, e particularmente do sentido da visão. Ele vê menos as cores que os relevos e as oposições sombra e luz lhe fornecem a antítese fundamental de sua poesia. Toca o detalhe e o conjunto ao mesmo tempo.

A inteligência analítica não é o forte de Hugo, incapaz de definir e deduzir se suas idéias abstratas são vagas. Mas possui a ambição de ser um pensador e um profeta. Ele é tudo isso, e nós o sentimos através de suas imagens e símbolos.

A imaginação foi a faculdade mestra do grande poeta. Seu pensamento trabalha por associações de imagens e torna-se rapidamente alucinação. Hugo filósofo procede sempre como visionário. Vê e nos faz ver como nos tempos legendários o que as raças longínquas fizeram no tempo que precede a história, e o repete espontaneamente no século de Comte e de Darwin: o mito é pois a forma material de sua imaginação. O lirismo coletivo torna-o o mais lírico dos românticos e também o mais objetivo. De todas as faculdades líricas a imaginação é seguramente a mais impessoal, sobretudo quando se exerce sobre as aspirações do progresso, dos sentimentos de bondade e piedade, de fé e de cólera democrática: a poesia expressa, então, as emoções de milhares de homens que sentem seu coração bater pelos mesmos objetos; o lirismo, indi-

vidual em seu princípio, se torna a expressão da alma coletiva. Isso transmite à obra de Hugo uma grandeza e uma nobreza que seria injusto esquecer. Seu defeito foi esquecer a medida: tomou o enorme visando ao sublime. Mas sua execução não traiu jamais sua concepção.

A união dessas faculdades lhe permitiu edificar uma obra excepcional por sua qualidade, diversidade e extensão com a regularidade e a segurança de uma força de natureza.

Ele ocupa um lugar excepcional na história das letras francesas. Domina o século dezenove pela longa duração de sua vida e de sua carreira, pela fecundidade de seu gênio e pela diversidade de sua obra: poesia lírica, satírica, épica, drama em verso e em prosa, romance. Evolui com seu tempo fazendo-se intérprete ou guia dos movimentos intelectuais. Persuadido de que o poeta é enviado para desempenhar uma missão, tomou parte ativa nos grandes movimentos políticos, tornando-se no fim de sua vida o poeta oficial da república. Grande parte de sua obra é popular, pelas idéias sociais que ajudou a tornar conhecidas e pelos grandes sentimentos humanos, nobres e simples que ele canta: amor paterno, patriotismo, alegrias do trabalho, grandeza dos humildes. As críticas feitas à sua obra (filosofia sumária, falta de medida, retórica e orgulho) não levaram em conta a circunstância de que elas eram simplesmente o reverso de uma prodigiosa potência criadora. Mas hoje o seu gênio não pode mais ser contestado: a crítica vê antes de tudo a variedade de sua inspiração, da fantasia mais leve até as visões mais sombrias. E saúda no mago do romantismo um dos iniciadores da poesia moderna.

Dicionário de Língua Portuguesa e Inglês
também dos especialistas, alguns dos quais são
professores Adriano de Gama Ruy, Evamilda Sacha, Isaac
Alcides Sávio, José Alves Fernandes e Roseli Fátima Manuél
Guérios, ofereceram ao Autor preciosas ajudas com suas
análises objetivas e sempre pertinentes.

Em 2.ª edição acrescentamos mais uma vez a nossa colaboração,
apresentando as retificações que pediamos aqui para melhorar
os vocábulos, algumas das quais nos foram fornecidas pelo
professor José Alves Fernandes, na sua antiga-ressenha "Crono-
logia Vocabular da Língua Portuguesa" da Revista de Letras da
Universidade Federal do Ceará, vol. 5, jan./dez. 1983, págs.
157-167, constituindo um pequeno guia para o estabelecimento
de uma cronologia mais precisa do vocabulário português.

Finalmente, em 2.ª edição, acrescentamos "A respeito de contri-
buções de José Alves Fernandes, a exemplo do que vem fa-
zendo na França Bernard Quemada, para a retificação dos